

ESTRATÉGIAS LINGUÍSTICAS DE PROFISSIONAIS DO SEXO: UM ESTUDO SOBRE POLIDEZ POSITIVA

Gilmar Bueno Santos¹

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar as estratégias linguísticas de prostitutas que trabalham na região centro-sul de Belo Horizonte. Buscamos analisar quais elementos contribuíram para a promoção da polidez positiva e a relação estabelecida entre estes para com o contexto social em que as mulheres estavam inseridas. De acordo com os dados obtidos, observamos que a polidez positiva foi estabelecida por meio da narração de alguns fatos e, também, de expressão de sentimentos.

Palavras-chave: estratégias linguísticas, profissionais do sexo, polidez positiva.

Introdução

Este trabalho tem como objetivo identificar e analisar as estratégias linguísticas que permeiam a construção discursiva da polidez positiva, a partir de entrevistas realizadas com algumas profissionais do sexo² que trabalham na região centro-sul de Belo Horizonte. Os dados abordados ao longo do presente artigo constituem o *corpus* da tese de doutorado defendida em meados de 2012 e intitulada *O Estilo Interativo das Profissionais do Sexo de Belo Horizonte: um Estudo sobre Estratégias Linguísticas*.

As contribuições teóricas dos Estudos Linguísticos são primordiais para o estudo da conversação como uma manifestação textual marcada por elementos que sinalizam sua construção colaborativa, como também para o exame das peculiaridades da comunidade discursiva das profissionais do sexo. Para compreender essa significação social, torna-se necessário descrever como a fala se relaciona funcionalmente com a conduta social dos indivíduos.

¹ Doutor em Linguística do Texto e do Discurso pela Universidade Federal de Minas Gerais. Atualmente está realizando Estágio de Residência Pós-Doutoral junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da UFMG. E-mail: bueno_gilmar@hotmail.com

² Neste trabalho são adotados como sinônimos os termos prostituta e profissional do sexo.

A seguir, apresentaremos algumas considerações sobre a prostituição e sobre os pressupostos teóricos da interação verbal face a face, bem como o perfil das informantes e a análise dos dados coletados.

Breves considerações acerca da prostituição

A primeira prostituta citada na literatura mundial está presente num épico conhecido como *A Epopeia de Gilgamesh*, escrito na língua suméria da Mesopotâmia, há cerca de 2.600 a.C., precedendo em pelo menos 1.500 anos as epopeias homéricas. Essa epopeia foi registrada em tábuas com caracteres cuneiformes (SANDARS, 2001, p. 10).

Sandars (2001) afirma que *Gilgamesh*, rei de *Uruk*, era dois terços deus e um terço homem; *Shamash*, o grande sol, dotou-o de grande beleza e, *Adad*, rei da tempestade, deu-lhe coragem. Assim, *Gilgamesh* possuía beleza superior à de todos os seres, ao mesmo tempo em que era terrível como um touro selvagem. *Gilgamesh* construiu muralhas e o templo de *Eanna*, consagrado a *Anu* (deus do firmamento) e à *Ishtar* (deusa do amor). Devido aos excessos de *Gilgamesh*, o povo de *Uruk* pediu aos deuses que o contivessem e após escutarem o lamento do povo, os deuses gritaram para *Aruru*, deusa da criação:

Vós o fizestes, oh, *Aruru*, criai agora um outro igual; que seja tão parecido com ele quanto seu próprio reflexo; que seja seu segundo eu, coração tempestuoso com coração tempestuoso. Que eles se enfrentem e deixem *Uruk* em paz (SANDARS, 2001, p. 61).

Destarte, *Aruru* concebeu em sua mente uma imagem a qual possuía a essência do deus do firmamento (*Anu*), mergulhou as suas mãos na água, pegou um pedaço de barro e o deixou cair na selva – ocorrendo a criação de *Enkidu*. Esse homem possuía virtudes do deus da guerra (*Ninurta*), seu corpo era rústico, seu cabelo comprido como o de uma mulher e o seu corpo coberto por pelos emaranhados. *Enkidu* comia grama na colina junto às gazelas, rondava os poços de água com os outros animais da floresta, ajudava as presas a escaparem e destruía as armadilhas dos caçadores. Para expulsar *Enkidu* da floresta, o caçador pediu ajuda a *Gilgamesh*, que lhe aconselhou a enviar uma rameira para armar uma cilada: "Caçador, volta, leva contigo uma rameira, uma filha do prazer. No poço ela se desnudará; ao vê-la acenando, ele a tomará em seus braços e os animais da selva certamente passarão a repudiá-lo" (Sandars, 2001, p. 63).

O caçador trouxe consigo uma rameira e, no terceiro dia de espera, *Enkidu* finalmente apareceu, sendo assim, atraído pela mulher:

Ela não teve pudores em tomá-lo em seus braços, ela se despiu e acolheu de bom grado o corpo ávido de Enkidu. Ele se deitou sobre ela murmurando palavras de amor, e ela lhe ensinou as artes da mulher. Por seis dias e sete noites eles ali ficaram deitados, pois Enkidu se esquecera de seu lar nas colinas; depois de satisfeito, porém, ele voltou para os animais selvagens. Mas agora, ao vê-lo, as gazelas punham-se em disparada; as criaturas agrestes fugiam quando delas se aproximava. Enkidu queria segui-las, mas seu corpo parecia estar preso por uma corda, seus joelhos fraquejavam quando tentava correr, ele perdera sua rapidez e agilidade. E todas as criaturas da selva fugiram; Enkidu perdera sua força, pois agora tinha o conhecimento dentro de si, e os pensamentos do homem ocupavam seu coração (SANDARS, 2001, p. 63-64).

Então, *Enkidu* sentou-se aos pés da mulher e ela lhe disse:

És sábio, Enkidu, e agora te tornaste semelhante a um deus. Por que queres ficar correndo à solta nas colinas com as feras do mato? Vem comigo. Vem e te levarei à Uruk das poderosas muralhas, ao abençoado templo de Ishtar e Anu, do amor e do céu; lá vive Gilgamesh, que é forte, e como um touro selvagem domina e governa os homens (SANDARS, 2001, p. 64).

Observa-se que o ato sexual realizado entre *Enkidu* e a prostituta desempenha um papel importante na civilização do homem, uma vez que deste é retirada a natureza selvagem (comia grama e rondava com os outros animais os poços de água), trazendo-lhe para o mundo civilizado, sociabilizando-o.

As artes da prostituta civilizaram *Enkidu* de forma que ele não conseguiu mais retornar à vida anterior, sendo a prostituta a responsável pelo derramamento sobre ele da graça da deusa, uma vez que a prostituição era sagrada e educacional – propiciava conscientização sexual e responsabilidade espiritual para aquisição de urbanidade e civilidade. De acordo com Roberts (1998, p. 24) “no âmago desta cultura de amor, prazer e conhecimento, estava a comunhão sexual-espiritual experimentada por *Enkidu* e praticada pela massa das pessoas até bem adiante na era histórica”. Portanto, nos primórdios da civilização, a mulher era considerada a criadora da força de vida, era adorada como a Grande Deusa e como tal estava no centro de toda atividade social.

A palavra prostituição vem do verbo latino *prostituere*, que significa expor publicamente, pôr à venda, referindo-se às cortesãs de Roma. Assim, a prostituição pode ser definida como a troca consciente de favores sexuais por interesse não sentimentais ou afetivos. Apesar de a prostituição consistir comumente em uma relação de troca entre sexo e dinheiro, pode também ser uma troca por favorecimento profissional, por outros bens materiais, por informações etc.

Em relação ao delineamento histórico da prostituição, podemos notar algumas grandes fases. Na primeira, a venda de serviços sexuais tinha um caráter sacro, com aspecto mítico e tutelar. Posteriormente, instituiu-se o período epicuriano, no qual a prostituta assume um papel estético e político porque seu trabalho começa a ser gerenciado pelo Estado, por meio da cobrança de impostos, enriquecendo a elite dominante. No terceiro período, denominado cristão, a prostituta passou a ser considerada pejorativamente em nome da moral e dos bons costumes, mas depois dessa época passou também a ser vista como mal necessário e como mulher submetida às práticas repressivas exercidas pelo Estado como forma de controle sanitário mediante força policial. Por fim, surge o período chamado abolicionista, no qual a prostituta é caracterizada como escrava e vítima, ou seja, o surgimento das doenças sexualmente transmissíveis fomentaram a implementação de forma repressiva da medicina higienista (PEREIRA, 1976).

De modo geral, podemos perceber a prostituição como um fenômeno social extremamente complexo e ligado à economia, à saúde, ao trabalho, à sexualidade, à moral e às relações de gênero. A prostituição no Brasil foi marcada por importantes fatores como, por exemplo, o discurso médico acerca de suas causas e consequências e a organização das prostitutas em busca de seus direitos civis.

No século XIX, alguns médicos consideravam a prostituição como “fato social”, existindo com o objetivo de atender às necessidades orgânicas do homem (instinto sexual) e, tendo, conseqüentemente, um papel estabilizador na sociedade, o que permitia ao homem descarregar a excitação causada pela necessidade imperiosa do prazer venéreo, sem provocar grandes problemas na organização social. Se, por um lado, é a necessidade de atendimento do instinto sexual masculino que determina o surgimento da prostituição, por outro ela é causada e produzida pela aglomeração humana, sendo modificada pelos costumes, pela educação, pelas leis etc. (SOARES, 1992, p. 17).

Outrossim, o confinamento das prostitutas, as medidas sanitárias historicamente adotadas em relação aos bordéis e práticas sexuais reiteram o estigma em relação ao corpo da prostituta, pois caso estas mulheres recusassem a se submeter às inspeções médico-sanitárias, poderiam ser presas por cometerem crime contra a saúde pública. Em contrapartida, aos clientes não era atribuída a responsabilidade para com a disseminação da doença, mas sim a vitimização destes – mesmo nos casos em que as esposas eram contaminadas por seus maridos. Portanto, ambos os sexos podiam disseminar a doença, porém a prostituta era, de qualquer forma, vista como a responsável pela contaminação do casal e, em consequência, a degradante da instituição família.

Gradativamente, no Brasil, e principalmente nas últimas décadas do século XX e início do século XXI, surgiram diversas Associações das prostitutas com o objetivo de discutir a realidade por elas enfrentada e de se organizarem para lutar por seus direitos. Em julho de 1987, na cidade do Rio de Janeiro, foi realizado o Primeiro Encontro Nacional de Prostitutas (organizado por Gabriela Silva Leite)³, momento em que foi criada a Rede Brasileira de Profissionais do Sexo, que possuía como objetivos a criação de associações em todo o país, a realização de ações contra a violência, a implementação de programas de saúde e a luta pela dignidade da prostituta e contra o estigma, focalizando o resgate de sua autoestima.

Em 2002, o Ministério do Trabalho e do Emprego incluiu, sob o código nº 5198-05, na Classificação Brasileira de Ocupações – CBO a categoria Profissional do Sexo⁴. A ocupação é definida e desempenhada por “garota de programa, garoto de programa, meretriz, messalina, michê, mulher da vida, prostituta, trabalhador do sexo”, cuja descrição sumária é “buscam programas sexuais; atendem e acompanham clientes ;participam em ações educativas no campo da sexualidade. As atividades são exercidas seguindo normas e procedimentos que minimizam a vulnerabilidades da profissão.”

Na seção seguinte serão abordados alguns pressupostos teóricos da Teoria da Polidez.

Teoria da polidez

³ Gabriela Leite foi uma importante referência do movimento de prostitutas no país.

⁴ Conforme o *site* <http://www.mtecbo.gov.br/>

No que diz respeito aos pressupostos teóricos acerca da interação face a face, Goffman (1967) argumenta que se tem uma situação social quando dois ou mais indivíduos se encontram na presença imediata um do outro e seus atos são regidos por regras culturais específicas, podendo ser observados por todos os presentes. Em suma, uma interação face a face é um encontro social. O autor supracitado afirma que, em uma conversa, os participantes se apresentam uns aos outros por meio de um padrão comportamental que revela sua visão acerca do tema em debate, da situação comunicativa, dos participantes da interação e de si mesmos como seres sociais. E por isso, entende-se que as atitudes comunicativas adotadas são permeadas por significação social, isto é, estão intrinsecamente ligadas ao comportamento adotado.

O termo face refere-se ao valor social que um indivíduo clama para si a partir da avaliação social da linha de conduta ou do comportamento adotado, ou seja, a imagem social sustentada pelos julgamentos e evidências conhecidos pelos outros participantes da interação (GOFFMAN, 1967). O tipo de face de um indivíduo faz parte de um construto socialmente estabelecido, ou seja, a expressão social de seu "eu" individual. Os indivíduos que participam de uma interação percebem que estão ligados em situação de engajamento e, por isso, o contato pessoal direto constitui-se numa situação única para a passagem de informação.

Segundo a Teoria da Polidez Linguística proposta por Brown e Levinson (1987), a maior parte dos atos de linguagem produz certos efeitos sobre a face dos participantes de uma interação e podem ser ameaçadores como, por exemplo, a crítica, a desaprovação etc. Essa teoria postula que todo indivíduo é movido pelo desejo de preservar seu "território" (corporal, material, espacial, temporal ou mental) e sua "face", pois intenta gerar boa impressão durante o evento interacional. De acordo com Goffman (1967), "perder a face" significa causar má impressão, enquanto "salvar a face" está relacionado ao processo em que o indivíduo se sai bem ao dar a impressão de que não "perdeu a face".

Brown e Levinson (1987) distinguem dois aspectos complementares da autoimagem construída socialmente: a face positiva e a face negativa. A face positiva reflete o desejo de aprovação e reconhecimento dos anseios do indivíduo, ou seja, desejo de que estes sejam compartilhados pelo próximo. A face negativa refere-se ao desejo de não imposição ou à reserva do território pessoal.

Assim, em uma interação os participantes buscam defender a própria face como também a do outro, o que propicia o estabelecimento de um equilíbrio entre essas perspectivas. Cada interlocutor adota a estratégia mais adequada ou compensatória para ele, de acordo com as circunstâncias subjacentes ao ato a ser realizado. As diversas situações interacionais podem gerar conflitos e, conseqüentemente, ameaçar a imagem pública tanto do falante quanto do seu interlocutor. Tal ameaça é denominada por Brown e Levinson (1987) como ações que ameaçam a imagem pública (*face-threatening acts*).

Nesse contexto, o papel exercido pela polidez é extremamente importante, pois é concebida como fruto da necessidade humana de manter o equilíbrio nas relações interpessoais e, sua manifestação externa seria o conjunto de estratégias linguísticas que podem ser utilizadas pelo falante para evitar ou amenizar conflitos com o seu interlocutor quando os interesses de ambos não coincidem (BROWN e LEVINSON, 1987).

A polidez negativa como estratégia de trabalho de face volta-se para a face negativa do ouvinte. O falante, ao fazer uso dessa estratégia, de certa forma, assegura o reconhecimento e o respeito aos anseios da face negativa do ouvinte. As categorias mencionadas por Brown e Levinson (1987) para a polidez negativa são: seja direto; não presuma; não pressione o ouvinte; comunique o desejo do falante de não impingir nada ao ouvinte; atenda a outros anseios do ouvinte que derivem de sua face negativa.

Valério (2003) afirma que o uso de tais estratégias favorece o estabelecimento de uma atmosfera emocional que prima pelo comedimento, isto é, não deve servir de veículo para as emoções, uma vez que estas precisam ser contidas para não causar embaraço. Essa categoria de polidez é típica de contextos em que a distância social e as diferenças de *status* são respeitadas e sinalizadas por meios linguísticos.

De acordo com Brown e Levinson (1987), a polidez positiva seria a amenização da ameaça à face positiva do ouvinte e estaria relacionada a algumas estratégias como, por exemplo: alegar aspectos em comum; deixar transparecer que falante e ouvinte são cooperadores; realizar o desejo do ouvinte. Em contextos que não estejam diretamente ligados à ameaça de face dos interlocutores, a interação é permeada por cumplicidade, isto é, o falante pode empreender esforços para a promoção da face positiva do ouvinte. O discurso, ao focar aspectos em comum entre os interlocutores, dinamiza a interação, pois favorece o estabelecimento da proximidade, da solidariedade, do envolvimento dos

interactantes entre si e dos mesmos com o seu discurso, uma vez que é desejável a expressão dos sentimentos na polidez positiva.

Delimitação de informantes

Em Belo Horizonte, a prostituição está presente nas ruas Guaicurus e São Paulo, nas avenidas Afonso Pena e Pedro II, nas rodovias, na orla da Lagoa da Pampulha, em hotéis, em boates e também em outros espaços como, por exemplo, em *sites* da internet e anúncios de jornais.

Na Avenida Afonso Pena, *locus* desta pesquisa, os programas são realizados a partir das 19 horas durante todos os dias da semana e as práticas sexuais são extremamente importantes para definição do preço do programa, sexo oral R\$ 20,00, penetração vaginal R\$ 30,00 no carro e R\$ 50,00 no motel; média de 10 programas ao dia.

Os dados que compõem nosso *corpus* foram coletados por meio de questionários e entrevistas com 10 profissionais do sexo; destaca-se que as entrevistadas foram escolhidas deliberadamente, sendo apenas considerado o *locus* de trabalho Avenida Afonso Pena.

Em razão de zelarmos pelo sigilo das mulheres, durante todo o período de coleta de dados as participantes foram informadas dos objetivos da pesquisa, do fato da participação ser voluntária, sem ônus para o pesquisador, e que a qualquer momento poderiam desistir da mesma. Foi solicitado que cada sujeito assinasse o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido permitindo o uso dos dados para realização da pesquisa. Portanto, optamos por utilizar o código *M* associado a números de 1 a 10 para identificação das profissionais do sexo nos dados coletados e a letra *E* para o pesquisador.

A partir dos dados coletados, observamos que todas prostitutas adotam um nome de batalha e residem em Belo Horizonte - MG; possuem faixa etária de 24 a 36 anos; possuem ensino médio completo e duas são estudantes universitárias; 07 solteiras, 01 casada e 02 divorciadas; possuem renda mensal entre R\$ 3.000 e R\$ 6.000; 05 possuem filhos, todas as mulheres residem com a família e se declararam prostitutas, sendo que uma mulher é vendedora em uma loja no turno diurno, outra vendedora de cosméticos e as duas estudantes universitárias exercem também a profissão de massagista; possuem a média de 3,3 anos de prostituição.

Análise linguística dos dados

Em relação às estratégias de polidez positiva cuja finalidade está balizada em promoção da proximidade, da cooperação, aprovação e estima, pudemos observar o uso, pelas mulheres entrevistadas, de elementos léxicos, sintáticos e de estratégias conversacionais para compartilharem conhecimentos de mundo, valores, perspectivas e desejos comuns para com o ouvinte.

De acordo com Valério (2003, p. 112), as estratégias que visam o estabelecimento de proximidade servem para trazer o ouvinte para o discurso, buscando o seu envolvimento e a sua participação ativa na interação. Assim sendo, essas estratégias constituem recursos retóricos que aproximam os interlocutores a partir das noções de ponto de vista, de tempo e de esquemas mentais.

Ademais, acreditamos ser pertinente, para se desvelar aspectos inerentes à relação entre linguagem e interação, realizarmos a identificação e análise de alguns recursos linguísticos presentes nas produções orais das profissionais do sexo, que estabelecem relação entre unidades textuais e/ou entre os interlocutores, dentre eles os marcadores conversacionais.

Existem muitas terminologias para os Marcadores Conversacionais (doravante MCs): frases de reparo, conectores do discurso, operadores de discurso, partículas do discurso, dispositivos de sinalização do discurso, conectores fáticos, conectores pragmáticos, termos pragmáticos, marcadores pragmáticos, operadores pragmáticos, partículas pragmáticas, conectores de frase (FRASER, 1999). Dentre outros, por exemplo, marcadores retóricos, conectores argumentativos, os conectores interativos, introdutores do discurso etc.

Em relação à aproximação temporal, podemos observar o uso das locuções adverbiais *agora*, *agora mesmo* e *outro dia*, pois estas possibilitam que os fatos relatados, mesmo que ocorridos no passado, sejam transferidos para a recentidade do conteúdo proposicional, trazendo a ação relatada para perto do ouvinte (VALÉRIO, 2003, p. 113).

Nos excertos 01e 02, podemos observar os marcadores temporais *agora* e *outro dia* estabelecendo uma relação de proximidade temporal que torna o conteúdo proposicional quase presente.

(01) E: usa camisinha com o seu parceiro fixo?

M4: a mulher tem que usar camisinha com parceiro sim, com cliente, com tudo que é homem (+) tem que usar com certeza (+++) eu engravidei três vezes porque dei muita bobeira com meus namorados, fui lá na empolgação e pá::: *agora? agora* nem posso pensar porque três filhos (+) já viu, né! ((risos))

(02) M1: cada um tem seu lugar aqui, *outro dia* chegou umas aqui, fiquei com medo de caçar confusão comigo, mas aí eu peguei e fiquei quieta, aí eu perguntei pra elas se eu podia ficar, aí elas falaram “não meu bem pode ficar”, uma falou que trabalha fora que vem aqui de vez em quando.

Outra estratégia que sinaliza proximidade é desvelada por meio do uso do discurso direto, uma vez que a suposta exata reprodução da fala ao mesmo tempo em que torna o discurso vívido, aproxima temporalmente, o evento narrado da instância de enunciação e, conseqüentemente, dos interlocutores (VALÉRIO, 2003, p. 114). Nos exemplos a seguir, podemos observar que o discurso direto nos relatos sexuais das prostitutas permite que estas possam trazer para o presente as reais palavras utilizadas no passado por outrem e, nesse sentido, darem mais realidade ao que dizem.

(03) E: o que?

M6: teve uma vez que um cara cheio da grana veio fazer programa comigo (++) aí a gente foi pro motel eh o cara todo engravatado, todo machão, ele era até bonitão mesmo aí ele pegou uma sacola no banco de trás ((risos)) aí ele tirou um abobrinha do saco e falou assim “*eu nunca fiz isso não, é a primeira vez*” ((risos)) claro que eu num acreditei nele, o povo mente muito, fica com muita vergonha dessas coisas (+) então ele virou e falou comigo “*enfia lá com cuidado porque eu nunca fiz isso*” ((risos))

(04) E: por que ela te maltratou?

M1: CLARO, ela me chamou de puta perto do marido dela, aí ela ficou falando com o marido dela “*num goza agora não, num goza agora não, se gozar vai perder a graça*”, NUM GOSTEI MESMO, foi a primeira e última, nunca mais eu fiz.

Nessa vertente, foram utilizados os marcadores *né?*, *entendeu?* e *entendeu né?*, os quais demonstram que o falante compartilha as suas proposições com o ouvinte e busca a sua participação e/ou seu apoio, outrossim, conduz o seu interlocutor ao longo da interação. Segundo Urbano (1999, p. 99), esses marcadores são elementos linguísticos que estruturam o texto, considerado não só como construção verbal cognitiva, mas também como uma organização interacional interpessoal. Portanto, trata-se de recursos

que sinalizam orientação ou alinhamento recíproco dos interlocutores ou destes em relação ao discurso.

Nos excertos, a seguir, os marcadores *né?* e *entendeu né?* foram utilizados no fim do turno conversacional, indicando a solicitação de participação do ouvinte, ou seja, esse marcador tem valor interacional, pois sinaliza a entrega explícita do turno ao ouvinte.

(05) E: é mais seguro em lugar fechado?

M4: pra falar a verdade nenhum lugar é cem por cento seguro (++) a gente quase nunca sabe com quem tá lidando, *né?*

(06) M1: nada, ele num pagou nada não, eu num cobre nada não, ele me deu uma carona do centro até aqui {ele a levou da praça sete até o alto da Avenida Afonso Pena}, foi uma troca porque ao invés de eu pegar um ônibus e pagar passagem ele me deu uma carona, *entendeu né?*

E: uhum

O uso de vocativos (*cara, moço, menino, bobo*) e de determinados imperativos (*vê* e *olha*) também foi recorrente em nosso *corpus* e tiveram como objetivo chamar a atenção do ouvinte para a fala do falante e, de forma significativa, envolver o ouvinte na interação ao estabelecer laços de cumplicidade.

(07) E: eh você tem um preço médio por programa?

M4: varia *moço*, é cinquenta a hora com tudo completo (++) se o cliente quiser só um oral é trinta

(08) E: você já sofreu algum tipo de violência?

M6: o povo é sacana demais *cara*, eles passam aqui e xingam a gente de tudo que é nome, joga uma porrada de coisa na gente de madrugada eh (+++) num respeita ninguém (+) uma vez eu levei uma ovada aqui na rua, eles são babacas demais

(09) E: alguém já te bateu, te xingou aqui?

M1: JÁ, quando os carros passam aqui eles me xingam de puta, piranha, um dia *menino*, um carro parô aqui e o cara sentô um negócio na minha barriga, nossa foi foda, ficô um tempão doendo

(10) E: você tem nojo dos homens?

M1: ah *bobo*, tem uns que dá pra ficar com nojo né

(11) E: no sexo oral também?

M10: CLARO! eu num chupo pau sem camisinha (++) eh o trem das doenças hoje tá feio demais! *vê* se a gente pode ficar brincando com essas coisas!

(12) E: cê tem uma média de números de programas por dia?

M2: *olha*, eu sempre trabalho com disposição, na média de 5 programas por dia

Nesse contexto de busca pelo envolvimento do ouvinte, podemos notar que o uso de certos marcadores de sustentação de turno e introdução de novo tópico discursivo e/ou explicação como, *então*, *aí*, *por exemplo*, *assim* e *agora*. Valério (2003, p. 117-118) argumenta que alguns elementos linguísticos exercem a função interativa de manter o ouvinte na linha discursiva (direcionadores discursivos), evitando que ele se distancie da instância de enunciação. Desta feita, estes elementos funcionam como indicações de qual rumo o raciocínio do ouvinte deve seguir, uma vez que direcionam sua atenção ao longo do discurso e, nessa vertente, solicitam sua paciência e atenção até que o desfecho do que se quer dizer seja alcançado.

No excerto abaixo, o marcador *então* demonstra a retomada da proposição *pra mim é normal* após o comentário *cada um faz da sua vida o que bem entender, ninguém tem nada a ver com isso* feito pela profissional do sexo.

(13) E: eh como você vê a prostituição?

M3: pra mim é normal, cada um faz da sua vida o que bem entender, ninguém tem nada a ver com isso, *então* pra mim é normal

Os marcadores *por exemplo*, *então* e *mas como eu tava te contando* sinalizaram mudança no discurso com a introdução de uma explicação ou comentário, de uma reformulação, de um exemplo, de um novo dado ou argumento, de uma conclusão, desempenhando função interativa, pois intentam manter a atenção do ouvinte voltada para o desdobramento do discurso.

(14) E: eh você já chorou, ficou mal com algum programa?

M2: não! GRAÇAS A DEUS ATÉ HOJE NÃO! mas a gente tem que falar não, tem que falar o que num faz, *por exemplo*, eu não gosto que ninguém me bate, *então* eu num vou sair com cliente que gosta de bater, se eu sair com esse tipo de cliente num vai dar nada que preste, *então* tem um perfil que eu me encaixo nele, eu num posso fazer o que eu não gosto só por causa de dinheiro

(15) E: tem cara que num quer usar camisinha? ele paga mais?

M2: tem demais! mas eu faço *assim*, se o cara num quer usar camisinha eu ponho a feminina (+) num transo mesmo sem camisinha! os caras querem muito transar sem camisinha, num dá não!

(16) E: mas ele sabe que você faz programa?

M1: sabe sim, aliás ele me conheceu *assim* (++) ali no centro, na praça sete, ele me conheceu quando eu fui procurar emprego no PSIU, tava lá procurando emprego e conheci ele lá dentro (+) aí eu falei que eu faço, que eu saio para arrumar meu dinheiro, ele num gostô não, ele NUM GOSTA NAUM, porque ele fica com ciúme né

(17) E: o que mais os caras querem?

M6: tem um monte de coisa que os clientes buscam, *mas como eu tava te contando*, tem muito homem que gosta de vestir calcinha para trepar com a gente, tem uns que gostam de levar uma dedada, tem de tudo aqui (++) tem gosto pra tudo

Dentre as estratégias de polidez positiva que buscam a aproximação social entre falante e ouvinte, encontradas em nosso *corpus*, podemos observar a utilização dos pronomes *você*, *nós* e *a gente*, que produzem um efeito de coletivização do ponto de vista que parece não ser somente do falante, mas dos envolvidos na situação comunicativa e na proposição.

Nos excertos abaixo, o falante interpela diretamente o ouvinte ao fazer uso do pronome *você*, sinalizando a busca por proximidade; o que implica no estabelecimento de polidez positiva, ou seja, cria-se um efeito no qual falante e ouvinte são assemelhados por algum aspecto como, por exemplo, conhecimento de mundo.

(18) E: e você usa camisinha com todo mundo?

M7: camisinha é coisa básica (+) se *você* quer continuar viva nessa profissão

(19) E: por que você num contou antes?

M3: tipo assim quando *você* começa a trabalhar e ganhar muito dinheiro então *você* fica (++) vira fato, *você* só pensa em dinheiro eh tipo assim quando *você* tá ali com ele, aí *você* fica pensando MEU DEUS eu não tô aqui ganhando dinheiro, to dando tesão pro cara entendeu?

Em relação ao emprego dos pronomes *nós* e (*a*) *gente*, podemos observar que estes elementos sinalizam um efeito de coletividade das proposições do falante, no qual ele também se insere, criando-se assim uma esfera enunciativa *eu + outras profissionais do sexo* (conforme os exemplos 20 a 22). Assim sendo, o falante ao utilizar esses pronomes associados à expressão de sentimentos intenta a comunhão do seu ponto de vista com o ouvinte, o que nos permite perceber a busca por apoio e por solidariedade acerca de conclusões e/ou reflexões.

(20) E: como as pessoas vêem as profissionais do sexo?

M4: o povo acha que *nós* somos vagabundas eh::: que tamu aqui por que *a gente* quer (++) acha que não temu família (+++) que tudo isso é pilantragem

(21) E: você tem prazer?

M10: eu num tenho não! *a gente* tem com o cara que a gente gosta, tem que ter amor no meio, pagando num tem isso não!

(22) E: em relação à violência cê já sofreu alguma coisa? já foi discriminada?

M2: a mulher só sofre discriminação quando ela fala que é prostituta porque eu posso andar beagá inteira que eu sou conhecida como mulher comum, mas o travesti já é discriminado pelo visual (+++) aqui na Afonso Pena, quando *a gente* tá no ponto pra trabalhar o povo sabe que *a gente* é prostituta aí passa os *playboy* joga latinha na *gente*, extintor de incêndio, xinga de tudo quanto é nome mas quando dá problema de machucar alguém *a gente* pega a placa e chama polícia! (++) assim que *a gente* tem que fazer!

Entretanto, no excerto a seguir, podemos notar que apesar de o pronome *nós* delimitar a esfera enunciativa *eu + profissionais do sexo*, a expressão *todo mundo* balizada na associação *eu + ouvinte ou qualquer outra pessoa* estabelece uma aproximação social entre falante e ouvinte, pois permite a inclusão do ouvinte na proposição *conhecimento acerca dos riscos de se transar sem proteção* e, assim, cria-se um efeito de coletivização do ponto de vista.

(23) E: você acha que as prostitutas que ganham menos também se prevenem?

M2: todas *nós* nos prevenimos, *todo mundo* sabe do risco de transar sem camisinha

Outra forma de promoção da polidez positiva encontrada em nossos dados refere-se ao uso de determinados itens lexicais indicadores de identidade de grupo como, por exemplo, gírias e vocábulos próprios das profissionais do sexo. Valério (2003, p. 122) afirma que certos elementos linguísticos (vocábulos populares ou gírias, clichês, piadas etc) utilizados em interações informais promovem a atmosfera de polidez positiva na interação, pois apesar de possuírem nuances próprias, estes se apoiam sobre pressupostos culturais compartilhados e podem ser usados para reafirmar tais valores.

Sob esse ângulo, podemos observar o uso de alguns elementos linguísticos que funcionam como indicadores de identidade de grupo: *batalhar*, *bato ponto*, *borracha e arroz com feijão*. Os termos *batalhar* e *bato ponto* significam *se prostituir*, enquanto

ponto se refere ao local de prostituição – não como um todo (Avenida Afonso Pena), mas em espaços bem específicos como, por exemplo, uma esquina, um ponto de ônibus, em frente a um determinado estabelecimento ou prédio etc.

(24) E: o que qui é mais ou menos?

M6: porque aqui a gente fica exposta né cara, todo mundo passa (+) dá uma olhada, xinga a gente (++) dá um medo de ver gente conhecida, mas fazê o que? tenho que *batalhar* aqui

(25) E: trabalha só aqui na Afonso Pena?

M4: aqui na Afonso Pena, mas *bato ponto* eh::: em outros locais de vez em quando, mas na maioria das vezes tô sempre aqui

O vocábulo *borracha* foi utilizado como sinônimo de *preservativo*.

(26) E: você usa camisinha nos programas?

M6: claro né! eu só faço programa com camisinha, até pra chupar o cara eu só chupo com a *borracha*, hoje em dia num dá pra brincar com isso não (+) tem muita gente doente que num preocupa com os outros, acha que a gente transa de qualquer jeito (++) isso num é verdade não, a gente se cuida, até porque a gente também tem família no mundo pra criar, tem que cuidar da gente mesmo

A expressão *arroz com feijão* significa relações sexuais cujas posições e práticas são rotineiras.

(27) E: por que você acha que os homens para aqui?

M1: porque eles querem algo diferente, acham que a gente sabe fazer o negócio, eles tão cansados do mesmo negócio todo dia, tão cansados do *arroz com feijão* ((risos))

Em relação à expressão de sentimentos em seus relatos, as profissionais do sexo explicitam aspectos em comum entre os interlocutores, dinamizam a interação, o que favorece o estabelecimento da proximidade, da solidariedade, do envolvimento dos interactantes entre si e dos mesmos com o seu discurso, uma vez que é desejável a expressão dos sentimentos na polidez positiva.

Dentre as estratégias linguísticas voltadas para a promoção da expressão de sentimentos, podemos destacar o uso de interjeições, de modificadores expressivos, de locuções verbais interjectivas, de dupla negativa e dupla afirmativa, de reiterações e enumerações expressivas, de diminutivos conotativos afetivos e de palavras com grande carga expressiva (VALÉRIO, 2003, p. 132-142).

Outros marcadores utilizados pelo falante para expressar de maneira emotiva os tópicos discursivos abordados referem-se às interlocuções adjetivas *nossa senhora* e outras que incluem o vocábulo *Deus*.

(28) E: já sofreu violência ou foi discriminada?

M4: *nossa senhora!* (++) se a gente fala que é puta a gente sofre discriminação sim, os clientes mesmo tratam a gente como objeto e fazem questão de falar que tamu ali pra isso e pronto (++) teve um sim que queria me bater porque num queria pagar meu preço, até me deu um tapa e se eu não saísse correndo, ele ia me espancar! (+) os outros foram só bate boca mesmo

(29) E: eh você já chorou, ficou mal com algum programa?

M2: não! *GRAÇAS A DEUS ATÉ HOJE NÃO!* mas a gente tem que falar não, tem que falar o que num faz, por exemplo, eu não gosto que ninguém me bate, então eu num vou sair com cliente que gosta de bater

Os modificadores expressivos são elementos que intensificam a carga expressiva de um enunciado e contribuem para uma maior contundência no extravasamento das emoções do falante e, assim sendo, podem intensificar a importância e/ou a veracidade da proposição e seus elementos, bem como a plenitude ou abrangência do conteúdo proposicional ou a quantidade a qual este se refere (VALÉRIO, 2003, p. 136-137).

Nesse contexto de expressão das emoções também foram utilizadas a dupla negativa e a dupla afirmativa como sinalizadores da intensificação da expressão dos sentimentos do falante em relação a uma determinada situação. Em relação à dupla negativa, podemos observar o seu uso recorrente enquanto estratégia linguística para intensificar a expressão dos limites das práticas sexuais das profissionais do sexo.

Nos excertos 30 e 31, as profissionais do sexo utilizam a dupla negativa para enfatizar que não fazem sexo anal, destacando-se também que o elemento *mesmo*, dentro de uma oração negativa, enfatiza a declaração *não faço* e, de modo geral, potencializa a negação, em sua totalidade, das proposições veiculadas em seu discurso.

(30) E: agora eu vou perguntar da parte íntima do programa, você pode falar mesmo, num precisa ter vergonha não, quando você encontra os clientes o que que eles querem?

M1: anal né, *num* gosto de fazer sexo anal *não*, *NÃO FAÇO SEXO ANAL MESMO*, *num* gosto, *não* mesmo (++) combino antes pra depois eu ir, anal *num* faço *mesmo não*

(31) E: você tem limites pro programa?

M2: TUDO TEM LIMITE! eu realizo fantasias, os caras sempre querem a bunda, mas a bunda eu *num* dou *não*, o cara tem que saber que as coisas tem limites, eu ofereço o que eu gosto e aí eles pagam por isso

Nos excertos 32 a 34, a dupla negativa foi utilizada para sinalizar a não realização de práticas sexuais sem proteção (incluindo sexo oral no cliente), negar a pressuposição de que as prostitutas não se previnem e, também, expressar que não beija na boca dos clientes. Nas orações *num dou bobeira não* e *num dá pra brincar com isso não*, a negação evidencia a preocupação dessas mulheres para com a prática sexual segura.

(32) E: você usa camisinha?

M3: com oral, com tudo, *não* chupo sem camisinha *não* (+++) o cara me chupa sem camisinha, mas eu faço exame direto, eu cuido de mim, *num* dou bobeira *não*, sempre vou ao ginecologista particular

(33) E: você usa camisinha nos programas?

M6: claro né! eu só faço programa com camisinha, até pra chupar o cara eu só chupo com a borracha, hoje em dia *num* dá pra brincar com isso *não* (+) tem muita gente doente que *num* preocupa com os outros, acha que a gente transa de qualquer jeito (++) isso *num* é verdade *não*, a gente se cuida, até porque a gente também tem família no mundo pra criar, tem que cuidar da gente mesmo

(34) E: tem alguma coisa que você *num* faz?

M7: eu *num* beijo na boca *não* (VII, 63-64)

A dupla afirmativa foi utilizada para intensificar os sentimentos expressos pelas profissionais do sexo acerca do tópico discursivo: prazer com o cliente (35), discriminação (36) e desejo em abandonar a prostituição (37).

(35) E: cê sente prazer com o cliente?

M4: se for um cara gostosão, dá pra ter tesão *sim* e com esses eu gosto, mas tem uns velhu aí que ne:::m faço e *num* vejo a hora de acabar o negócio pra ir embora logo

(36) E: já sofreu alguma coisa de violência, discriminada?

M5: discriminada sempre a gente é *sim*, já apanhei de uns homens, mas hoje ando ligada porque a gente *num* sabe o que tá pra vir né?

(37) E: você quer mudar de profissão?

M6: depois que eu conseguir comprar as minhas coisas, ter uma vida mais tranquila eu vou querer sair *sim* (+) é um momento na vida da

gente, depois a gente sai e pronto! com as coisas já compradas, num vai ter que ficar sofrendo para pagar um monte de prestação ((risos))

Segundo os princípios delineados por Brown & Levinson (1987, p. 109), o exagero é o excesso de descomedimento permitido somente em contextos de polidez positiva. Em nossos dados podemos destacar, nesse particular, o exagero na expressão das impressões do falante, acerca do tópico discursivo abordado, por meio de hipérboles:

(38) E: alguém sabe que você faz esse tipo de trabalho?

M1: alguém da minha família já descobriu, o meu irmão já me viu na rua, achô *um bolo de dinheiro* na minha gaveta, deu mó problema aí eu saí de casa e depois eu voltei de novo

(39) E: que tipo de cliente você tem aqui?

M3: bem eh (+) vem muita gente aqui, velho, novo, é gente demais

E: eh pobre, rico?

M3: *todo mundo rico!*

(40) M6: ... eu fiquei com vontade de rir porque ele era daqueles caras que fica fingindo que tem o cu apertado, mas sô cê enfiar o dedo, *a mão já cai rapidim dentro e cê até tira um extintor de incêndio de lá dentro* ((risos)) no final foi tudo tranquilo, ele amou o treco, fico gemendo e gozou um *tantão* ((risos))

Quanto às estratégias de polidez positiva, abordadas ao longo dessa seção, observamos que a promoção da dramaticidade permite uma aproximação entre falante e ouvinte por meio da narração de alguns fatos e, também, de expressão de sentimentos. Essa auto-exposição permite que o falante revele aspectos íntimos de sua vida como, por exemplo, impressões sobre sua personalidade, anseios, sexualidade, relação familiar, fragilidade etc.

A dramaticidade na interação objetiva a participação do ouvinte na trama expressa no discurso e, a partir dessa adesão, cria-se cumplicidade entre os parceiros conversacionais, permitindo ao ouvinte testemunhar, no imaginário, as cenas narradas e compactuar com as verdades nelas expressas. Desta feita, o falante intenta compartilhar, por meio de certos recursos, os seus sentimentos com o ouvinte, seja espanto, dor, alegria ou qualquer outra emoção que o discurso perpassa; o que permite tornar o discurso tão vívido quanto possível (VALÉRIO, 2003, p. 147).

Em nossa pesquisa, o beijo, enquanto elemento simbólico de afetividade para as mulheres pesquisadas – apesar de ser visto socialmente como um criador de vínculo

afetivo e, por isso, as prostitutas poderiam evitar tal ato para com os clientes – representa, primordialmente, um meio de transmissão de doenças, haja vista que atualmente diversas ações junto às pessoas que se prostituem focalizam a conscientização acerca das diversas formas de contágio das DSTs..

Todavia, percebe-se que a prostituta vê a prostituição não como venda do corpo, mas sim como venda do acesso ao corpo. Estas mulheres não são escravas do poderio do desejo masculino, pois estabelecem limites no programa, ou seja, as práticas sexuais enquanto unidade elementar da efetivação do programa. A não prática do sexo anal nos permite associar tal fato à restrição imposta pelas prostitutas à oferta de serviços sexuais, contradizendo o senso comum, segundo o qual a prostituta é vista como despudorada e fonte de continência dos desejos sexuais masculinos. Essa não prática vai de encontro ao exercício da sexualidade sem limites, ou seja, estas mulheres não são sempre passíveis aos desejos dos clientes.

Referências

- BROWN, P.; LEVINSON, S. C. *Politeness: some universals in language usage*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- FRASER, B. *What are discourse markers?* Journal of Pragmatics, v.31, p.931-952, 1999.
- GOFFMAN, E. *Interaccional ritual: essays on face-to-face behavior*. New York: Anchor Press, 1967.
- PEREIRA, A. *Prostituição: uma visão global*. 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 1976
- ROBERTS, N. *As prostitutas na História*. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1998.
- SANDARS, N. K. *A Epopéia de Gilgamesh*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- SOARES, Luiz Carlos. Rameiras, Ilhoas, Polacas. *A prostituição do Rio de Janeiro do século XIX*. São Paulo: Editora Àtica, 1992.
- URBANO, Hudinilson. *Marcadores Conversacionais*. In: PRETI, Dino (Org.). *Análise de textos orais*. 4. ed. São Paulo: Humanitas, 1999.
- VALÉRIO, K. M. *Dinâmicas interativas no discurso da mulher: o papel da inserção social*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

CBO-Classificação Brasileira de Ocupações. 5198-05: *profissional do sexo*. Disponível em: <<http://www.mtecbo.gov.br/cbosite/pages/pesquisas/BuscaPorTituloResultado.jsf>>. Acesso em: 12 de jan. de 2014.

THE LINGUISTIC STRATEGIES OF PROSTITUTES: A STUDY ABOUT POSITIVE POLITNESS

ABSTRACT

This paper aims to examine the linguistic strategies of prostitutes that works in the south-central region of Belo Horizonte. We analyze which elements contributed to the promotion of positive politeness and its relationship according to the social context in which women were included. According to the data, we realized that positive politeness was established through the narration of some facts and also the expression of feelings.

Keywords: language strategies, prostitutes, negative politeness.

Recebido em 08/10/2014.
Aprovado em 30/10/2014.